

PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA: EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS POR FAMÍLIAS E ALUNOS DE UMA ESCOLA NO CAMPO

LUCAS GONÇALVES SOARES¹; ELIANE T. PERES²

¹Universidade Federal de Pelotas – luks_gs21@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eteperes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa sobre práticas de leitura literária vivenciada com alunos que vivem e estudam em uma escola no campo. Tais vivências constituíram-se como objeto de minha dissertação de mestrado defendida em dezembro de 2016, no PPGE-FaE-UFPel. O estudo desenvolveu-se junto ao grupo de pesquisa HISALES¹, do qual também sou integrante. A pergunta que se impõe a este recorte é: **como crianças de duas turmas de 5º ano (2014, 2015) de uma escola do campo juntamente com seus familiares vivenciaram a experiência de práticas de leitura literária proporcionadas pelo professor?** Para tanto, serão discutidos alguns resultados da análise de fotografias e textos, registradas e produzidos pelos participantes das práticas. Os dados são provenientes de um projeto escolar denominado “práticas de leitura literária em uma escola no campo”, promovido por mim professor/mediador/pesquisador em uma escola estadual situada no campo no município de Canguçu², na região sul do Rio Grande do Sul.

As instituições escolares que estão inseridas em comunidades rurais têm suas especificidades, contudo os alunos que estudam nelas têm os mesmos direitos e capacidade dos que estudam na cidade. A autora Michèle Petit (2008; 2013), entre outras ideias, argumenta que a experiência do leitor independe da sua posição geográfica, mas principalmente do acesso ao livro, da possibilidade do contato com os livros. Diz a autora:

(...) a experiência dos leitores não é radicalmente diferente segundo o meio social, o que difere são os obstáculos. Para alguns, tudo é dado ao nascer, ou quase tudo. Para outros, à distância geográfica somam-se as dificuldades econômicas e os obstáculos culturais e psicológicos. Quando se vive em bairros pobres na periferia da cidade, ou no campo, os livros são objetos raros, pouco familiares, investidos de poder, que provocam medo. Estão separados deles por verdadeiras fronteiras, visíveis ou invisíveis. E se os livros não vão até eles, eles nunca irão até os livros. (PETIT, 2013, p. 24).

Partindo desta concepção, acreditando no potencial dos alunos que vivem e estudam em comunidades camponesas, foi elaborado um projeto de práticas de leitura literária, visando oferecer condições para a formação de leitores, acesso e democratização da leitura nesse meio social.

¹ Grupo de Pesquisa da História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares
<<http://wp.ufpel.edu.br/hisales/>>.

² A cidade de Canguçu, distante cerca de 274 km da capital do estado Porto Alegre, é conhecida como a Capital Nacional da Agricultura Familiar. A população concentra-se no meio rural, trabalhando na agricultura em propriedades que, na maioria, não ultrapassam 25 hectares. Atualmente são cerca de 13 mil propriedades rurais e, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2015 é que a população tenha atingido, 55.801 habitantes e que 63% dessas pessoas morem e trabalhe no campo.

As fotografias e os textos foram registradas/produzidos pelos alunos e seus familiares em suas residências e são oriundos da prática “Sacolas de Literatura”, que consiste: O aluno escolhe algumas obras (livros do acervo do professor/pesquisador e da escola, contando com 210 obras), a seu gosto, coloca em uma sacola previamente preparada para ele e leva para casa. Lá deve escolher um momento e realizar uma leitura, na posição de leitor³, com sua família. Após isso, no diário de leitura, também previamente preparado e também depositado na sacola, registra como foi a realização da atividade e como os familiares acolheram a atividade.

A análise de como famílias de alunos de uma escola no campo experienciaram às práticas de leitura literária é que apresento nesse texto.

2. METODOLOGIA

Participaram da prática de leitura em questão 37 alunos (para fins de identificação numerados de 1 a 37), todos do 5º ano, sendo que em 2014 a turma era composta de 16 alunos e em 2015, 21 alunos.

Considerando a importância do momento de partilha das leituras literárias e tratando esse momento como singular para cada indivíduo, é que surgiram os registros escritos denominados por nós, professor e alunos, de “Diários de vivências de leituras literárias”. Aqui, totalizam doze Diários (identificados, como D1, D2,... e D12) esses acompanhavam a “Sacola da Literatura”. Cada sacola continha um Diário. Neles foram registrados os relatos da atividade que era desenvolvida com os familiares. Assim, na composição do corpus de pesquisa, foram considerados 209 textos. Outra fonte relevante de dados foram as **fotografias** que retratam o cotidiano das práticas de leitura desenvolvida (2014 e 2015). As fotografias, aqui tratadas como documentos da pesquisa, foram registradas pelos alunos e seus familiares, totalizam 184 (cento e oitenta e quatro).

A partir da sua leitura, organização e interpretação dos dados elenquei três aspectos para discussão: a) o perfil dos participantes da prática de leitura “Sacola de Literatura”; b) o incentivo à leitura por parte dos familiares; c) momentos que expressassem a experiência de leitura como agregadora da família.

3. RESULTADOS E REFLEXÕES

Começo, pois, com o **perfil dos participantes da prática de leitura “Sacola de Literatura”**. No montante dos 12 Diários houve 238 registros de participações em leituras nesses dois anos. Dessas, (63%) são de mulheres, um percentual relativamente maior do que de homens (37%). Dessa forma, considero relevante problematizar a questão de gênero (homens/mulheres). De acordo com Petit (2013), atualmente, a mulher desempenha uma função determinante nas práticas culturais. Referindo-se principalmente à leitura, diz a autora:

³ A concepção de “leitor” vem sendo discutida e defendida pelo grupo de pesquisa HISALES, coordenado pela Profa. Dra. Eliane Peres e vinculado PPGE/FaE/UFPEL, do qual sou integrante. Com esta definição, compreende-se que a pessoa que lê uma história de literatura em geral para outras pessoas em voz alta, não é apenas “leitora” mas também “ledora” nesse momento de compartilhamento da narrativa com aqueles que a escutam. Tampouco seria adequado afirmar-se que ela é uma “contadora” de histórias, pois estaria contando uma narrativa, inédita ou não, sem a necessidade de ter o livro como suporte em mãos.

Digo um [referindo-se ao gênero masculino], porém tenhamos consciência que esses iniciadores de livros são em muitos casos mulheres, a tal ponto que alguns se perguntaram se o futuro dos livros dependeria do futuro das mulheres. (PETIT, 2013, p.36).

Nessa notável participação feminina, destaca-se a presença das mães que representam 57%, além disso, são as maiores incentivadoras conforme os relatos nos Diários. Em alguns desses, colocam-se também como leitoras. Como é o caso da aluna 10, em atividade realizada em 2014, com a mãe de 42 anos, registrada no Diário D4: *"Ela adorou minha leitura, ela gostou muito do livro, disse que também gosta de ler e que no livro tinha vários desenhos bonitos e bem coloridos"*. É pertinente considerar que, embora seja maior a participação feminina, em se tratando de uma comunidade situada no campo, onde a figura do homem, principalmente a do pai, é muito ligada ao trabalho braçal, a participação de 17 pais dos 37 alunos é significativa. A 1ª e a 2ª imagem da fig.1 são exemplos dos momentos de partilha de leitura entre pais e filhos.

Ainda em relação à participação dos familiares nas práticas de leitura, passo apresentar o segundo aspecto elencado: **o incentivo à leitura por parte dos familiares participantes**. Para tanto, nos textos, considere expressões como: *"ler muito bem"*; *"leitura muito boa"*; *"importante ler"*, *"também gosto de ler"* como reveladoras de formas de incentivo para que os alunos continuassem se desenvolvendo e se aprimorando como leitores. Os 209 textos dos Diários apresentam 76 textos com algumas dessas expressões ou muito próximo dessas. Averigüei que 42 desses textos registram atividade desenvolvida com mães, 09 com pais, e os outros 25 com pessoas que têm outros vínculos familiares com os alunos.

Nesse sentido, apresento um exemplo de relato, o aluno 22, em 2015, no Diário D6, relata que: *"Eu contei o livro a Festa da Primavera, para minha mãe C., ela tem 34 anos. Ela adorou o conto ainda mais quando eu leio para ela, mas uma parte ela se assustou."* Neste caso, é dada uma grande importância para o momento, para o fato de o leitor ser o filho, *"...ainda mais quando eu leio para ela..."* fica evidenciado que os familiares participaram e incentivaram as crianças e procuraram, de alguma forma, valorizar a atividade.

Os dados indicam também, que o livro e a leitura se colocaram como uma possibilidade de diálogo, como um momento de troca, de proximidade, de afetos familiares. O terceiro aspecto proposto, qual seja: **momentos que expressassem a experiência de leitura como agregadora da família**, é que procuro destacar a seguir. O aluno 13, de 2014, no Diário D6, em atividade realizada com a família, revela uma dessas situações: *"Eu achei bom porque eu, minha mãe, minha irmã e meu pai não temos tempo de ficar juntos. As pessoas [familiares] acharam bom para rir todas juntas"*. A *boniteza* desse registro está justamente na revelação do tempo que a leitura proporciona. *Rir todas juntas*, então, parece que se tornou um "programa familiar esporádico". A 3ª imagem da fig.1 mostra um desses momentos.

Na continuidade dessa seção, afirmo que não é preciso dominar o código da escrita para participar da leitura. Um *leitor* pode fazer a "ponte" entre o texto e o ouvinte. A posição de ouvinte é um acontecimento tão prazeroso e pode despertar o interesse das pessoas em todas as idades. Petit (2013) diz que o contato com o livro desde criança, mesmo entre aquelas que não sabem ainda ler, dominar o sistema da escrita, pode ser determinante no processo de formação do leitor. Refletindo sobre o que foi posto, é preciso destacar a notável participação de crianças que ainda não estavam alfabetizadas nas atividades de leitura desenvolvidas. Dos 89 familiares participantes das atividades, 10 não tinham atingido a idade escolar e, portanto, ainda não haviam ingressado na escola, contudo, todos são mencionados

nos Diários, e 06 aparecem nos registros fotográficos, algumas repetidas vezes, conforme exemplifica a 4ª imagem da fig.1.

A oralidade nos constitui como sujeitos desde a primeira infância. O som da voz da mãe, as canções de ninar, os sons de animais, mais tarde narrativas curtas com assuntos que chamam a atenção da criança, como a natureza e os animais, são parte da sua vida. A aluna 28, em atividade realizada em 2015 e registrada no Diário D1, por exemplo, escreve que na leitura feita com a irmã, a mesma imitou um cachorro, personagem da leitura: *“Também contei uma para minha irmã, que tem 1 ano que falava sobre um cachorro e no final ela disse: au, au”*. Desde pequenas as crianças já mostram interesse pelas histórias, reagindo através de palmas, gritos, sorrisos, choro, imitando personagens, ou seja, interagindo com a narrativa.

As imagens reproduzidas a seguir uma dimensão dos momentos que revelam os aspectos abordados no texto.



Figura 3: Crianças ainda não alfabetizadas na posição de ouvintes (2014 e 2015).

Fonte: Arquivo do autor.

4. CONCLUSÕES

Destaco alguns resultados revelados pelos dados analisados. Primeiro, que é possível contribuir significativamente na formação de leitores também em espaços onde o livro não é tão presente, neste caso específico, no campo. As famílias que ali vivem e trabalham podem ser incentivadoras no processo de formação de leitores, mas, para isso, é preciso, principalmente, propiciar momentos de “encontro com o livro” (PETIT, 2013) e a promoção de práticas de leitura literária.

Quanto à participação dos familiares, independente do gênero ou parentesco - embora as mulheres, em grande parte as mães, tenham tido notória participação -, foi muito importante. Embora o papel desses na formação do leitor seja ainda pouco discutido, é preciso considerar que é no seio familiar que os valores e práticas culturais podem ser transmitidos de forma vigorosa. Dessa forma, isso pode ocorrer em relação à leitura. O livro e a leitura são, também, formas de aproximação afetiva entre pessoas. Um livro e uma leitura partilhada ajudam a estabelecer laços de afetividade, de cumplicidade, de aproximação.

Por fim, quero reafirmar a motivação maior de meu trabalho como professor e da pesquisa realizada: é que a leitura pode ser uma das possibilidades desses alunos e suas famílias pensarem o mundo de forma ampliada, experienciando aquilo que o mestre Paulo Freire (1992) ensinou: *ler o mundo e ler a palavra*.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

PETIT, Michèle. *Leituras: do íntimo ao espaço público*. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2008.